

- Diálogo no meio de um ensaio:
- *Quando você não sabe para onde ir, o que é que você faz?*
  - *Páro e choro!*
  - *Não... Você inventa!*

O trabalho dos Doutores da Alegria não tem coxias. Não ao menos do ponto de vista físico. Cada hospital onde os Doutores atuam possui um pequeno quarto, ou uma sala com acesso restrito (que muitas vezes serve também de almoxarifado) que serve de camarim temporário para os palhaços. Quando comecei a assistir o trabalho com a finalidade de escrever sobre os projetos das duplas e sobre os processos criativos dos doutores, percebi que essa coxia que não existia fisicamente era o pano de fundo do trabalho, era um lugar que não se desenhava no espaço mas no tempo da dupla, no imaginário, no passado, naquilo que ela projetava, naquilo que ela sonhava.

Fui visitar Marina Quina e Juliana Balsalobre já sabendo que elas iriam viajar. E sabendo também que o projeto delas envolvia uma pesquisa apoiada na palavra poética, no verbo que sai da boca do palhaço.

Eu tinha observado o trabalho delas ao levar o Lérís no hospital para vê-las, e tinha ficado muito impressionada com o tempo que elas conseguiam estabelecer. O tempo da ação, o tempo do caminhar, o tempo de conexão com o espectador... um tempo alongado, marcado pelos passos longos e lentos de Quinan, que porta grandes e pesados sapatos, que demoram para sair do chão e para voltar a ele. Um tempo da presença de Bifi, que segue a parceira e segue também a reação das pessoas à presença desses dois seres, palhaços, com duas cabaças na cabeça, uma grande, outra pequena, proporcionais provavelmente à quantidade de idéias que levam, ou à falta delas... Duas figuras estranhas, vestidas de branco e preto, que trazem na maquiagem um toque de vermelho, mas sem o nariz que nos conta: ah, são os palhaços, são os Doutores da Alegria.

Nesse primeiro dia de visita ao Santa Marcelina eu já sabia que veria uma dupla que já estava num ponto limite do seu projeto: o ponto de sair do hospital e ganhar o mundo, de viajar pelo Brasil em busca de outros encontros. Se há um limite entre o hospital e a rua, este limite, ali, seria rompido. Quinan e Bifi treinaram encontros com outros olhos, experimentaram modos de chegar, de se apresentar, de saudar, criaram cenas, trabalharam a palavra como se trabalha um gesto, buscando a precisão, a poesia, a economia, o improviso... E vê-las no hospital trabalhando era ver um instante dessa

pesquisa já bastante amadurecida. O espaço fora ficava preenchido quando elas apareciam pois o espaço interno delas, palhaças, estava preenchido. Quinan e Bifi tinham resolvido questões iniciais: quem somos, de onde viemos, para onde vamos. Elas são uma para outra, vieram de longe e vão para mais longe. E naquele presente, elas saudavam aqueles que encontravam, divertiam-se com suas indagações filosóficas a respeito do espaço, do tempo, da finalidade, e que são, na verdade, indagações a respeito das próprias palavras... divertiam-se com suas vestimentas, tinham histórias para contar a respeito das cabaças, das roupas, dos sapatos... Como palhaças, elas apostaram mais na loucura do que na graça, mais no estranhamento do que no riso. Riem por dentro. Estão vivas por dentro, então não temem o vazio. Ganham o público lentamente. E não estão preocupadas em ganhá-lo, mas têm um magnetismo, e uma calma, que faz com que cheguem, pousem, comuniquem, saiam. E realmente algo se modifica com elas, depois delas.

Me pareceu, observando o trabalho, que a dupla não precisava explicar por que estava ali. Elas precisavam peregrinar e encontrar as pessoas. Conhecer pessoas, já era um motivo.

Se ser palhaço é encontrar uma dança justa no seu corpo, uma dança de incoerência, um modo de mover-se, de falar, de olhar, que te deslocam do estado cotidiano e te introduzem nesse estado “clownesco”, escrever sobre palhaços é escolher palavras que possam jogar com a poesia, com o desenho, com as idéias, com o improviso. Elegi uma palavra que parecia abrir portas: adaptação.

Sair para a rua, sair para o mundo, significa estar preparado para se adaptar. Cada encontro pede uma adaptação, pede uma transformação dos dois lados. Fiquei com vontade de ver a dupla trabalhando com um terceiro palhaço, me interessou observar como elas se adaptariam a uma “ostensiva” presença de um outro, de um palhaço que apesar de ser dos doutros certamente atua com um repertório distinto, com um “passado” distinto, vindo de outra história, construindo outra história.

Não tive vontade de descrever ou mesmo de anotar os números, cenas ou atitudes delas. Mas tive vontade de escrever as frases que escorregavam de suas bocas. Frases que

não deveriam ser esquecidas (ou que deveriam ser esquecidas pela delícia de serem, inesperadamente, lembradas).

Bifi (para mim, a visitante):

“Aquela lá é a moça que anota os defeitos (...) Acho um absurdo... a gente trabalha e você anota os defeitos...”

Bifi (para uma criança):

“Nada é alguma coisa.”

Criança:

“Nada é nada (...) se for coisa feia é feia”

Bifi:

“Você pode me dizer se meu nada é bonito ou feio?”

Criança:

“Pior do que ser feio é ser igual”

Bifi:

“Posso dar um verso?”

Criança:

“Se for feio eu falo”

Bifi:

“Cajueiro pequenino

Carregado de fulô

A menina pequenina

Carregada de amor”

Quinan:

“Vou falar também um... de memória, pois eu não sei ler...”

“A música é infinita. É porque é Deus. Deus é infinito”

Conversa com médico, antes de visitar uma criança:

Quinan: Nome?

Médico: Ricardinho

Quinan: O seu?

Médico: ... Marcelo...

Quinan: Idade?

Médico: Dois anos.

Quinan: A sua?

Médico: ...Vinte e um.

Bifi (para o médico): E a minha?

Montanha (besteirologista residente, em visita às doutoras, diante de uma faxineira que dirigia uma enceradeira.

“Nossa! Que ano é essa enceradeira?”

Bife, para uma criança que lia a bíblia, ao se deparar com a palavra **apocalipse**:

“Apocalipse é macho ou fêmea?”

Qualquer uma das duas, no corredor...

“É por aqui que vai pra lá?”

Quinan:

Passando por um lugar abarrotado de gente, feio, meio em obras:

“Aqui era um descampado... “

Bife:

“O que é quando todo mundo fica sentado?”

Quinan:

“Ponto de ônibus não é, porque fica todo mundo em pé, né?”

Bife pergunta para um menino: “Quer casar comigo?” Ele hesita.

Ela não. “Você sabe cozinhar?” E a conversa pode continuar mesmo que a resposta tenha sido a porta para uma investigação, e não a deixa para uma piada final.

Recolher frases... e com elas, recolher histórias, átomos de vida.

Acho que a viagem se impregnou como metáfora no trabalho dessa dupla. A viagem como deslocamento no corpo e no espaço.

Na salinha onde se trocam, vestir o palhaço é como vestir uma segunda pele. É como transformar-se na verdadeira condição de que estão impregnadas: ambulantes, viajantes, sonhadoras, dançarinas, fonâmbulas.

Ver o trabalho é ver a loucura da busca desses estados, e uma busca cheia de achados, não uma busca sem fim. O trabalho estrapolou já o hospital. Estrapolou a doença.

Estrapolou os Doutores da Alegria. Pela primeira vez tenho a sensação de que a instituição está a serviço delas e não elas a serviço da instituição.

Os parceiros de viagem são o trompete, a pulga (Diamantina), as cabaças, as roupas, os sapatos, os versos... bons parceiros. Importantes. Potentes. Potencializam o trabalho e indicam possibilidades de crescimento, de maestria, de personalidade, particularizam o trabalho, criam um universo.

E num certo momento elas páram. Um encontro as paraliza. São esses mesmos que bucam, encontros paralizadores (que são os mesmos, paradoxalmente, que os encontros mobilizadores). Um encontro de um umbigo com um coquis. Pés desgrudam do chão e já não estamos diante de duas palhaças mas de uma palhaça e em tapete voador, que se transforma em cavalo, que sai cavalgando e abandona a porta do quarto, a moldura da cena mágica, que não fica vazia... fica com o rastro das nuvens que o tapete desmanchou, e no chão restam as pegadas do cavalo, sobe a poeira levantada pelos passos lentos.

E tudo estava bem na visita até que some uma mão. Uma mão desaparece perdida nas gigantescas mangas de um jaleco... uma mão desaparece para que apareça a perplexidade, a estupidez, a graça, a leveza de uma palhaça sem mãos. Para que apareça a voz de uma criança, o riso de outra... Uma mão desaparece para que seja preciso ter uma dupla que empreste a sua mão para a parceira. A loucura não seria tão sofrível se tivéssemos pelo menos uma pessoa que a escutasse, que a compreendesse.

Quinan e Bife riem uma da outra. Apaziguam assim as suas loucuras ao mesmo tempo que são livres para se entregarem a elas. Tem amor no trabalho delas. Tem uma utopia muito palpável (se é que podem ser palpáveis as utopias)... elas não estão prontas, estão prontas sim para o desconhecido.

Eu recorro a palavras alheias pra tentar dizer o que está tão dentro e tão fora de mim, pra conseguir viajar com as meninas sem sair do lugar:

*“As flores têm o perfume que a terra lhes dá sem ser perfumada. Assim, também nós devemos dar aos nossos atos aquilo que não trazemos em nós mas de que somos realmente capazes, e que não morrerá com a nossa morte”.*

Campos de Carvalho

Elas se lançam pela estrada. Nós, os que ficamos, nos lançamos à espera de palavras que possam nos capturar e nos arrastar com elas nessa viagem.